

# Uma língua de viagens, transgressões e rumores

*Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco*

Recebido 20 mar. 2008 / Aprovado 03 abr. 2008

## Resumo

*A língua portuguesa e sua importância nas literaturas dos países africanos, ex-colônias de Portugal. Os laços identitários com a “pátria colonizadora” se esgarçaram e o idioma imposto adquiriu diferenciadas faces em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Alguns elos permaneceram, ainda que dispersos; outros se desmancharam no tempo. A língua portuguesa, tendo atravessado o Atlântico, o Índico, aportou em diferentes terras, recebeu novos saberes, musicalidades, acentos; multiplicou-se, grávida, de outros espermatozoides, suores e salivas.*

**Palavras-chave:** *Língua portuguesa. Países africanos. Laços identitários*

*"A identidade não existe, é uma procura infinita."  
(Mia Couto, Folha de São Paulo, 18 nov. 1998)*

Há algum tempo, em entrevista ao *Jornal de Letras*, Eduardo Lourenço defendeu a força unificadora da língua portuguesa, afirmando ser ela "uma herança sem preço, fiadora de nossos laços identitários" (LOURENÇO, 1993, p. 4). Segundo o ensaísta português, no mundo atual, onde os blocos ideológicos sofrem a pressão de uma economia interplanetária que vem substituindo a crença nas grandes teorias e idéias pela idolatria de moedas fortes e pelos acordos econômicos multinacionais, torna-se imperativo o exercício da linguagem, ou melhor, o culto ao nosso idioma, forma de resistir aos meios massivos da comunicação e às influências negativas da mídia eletrônica. Eduardo Lourenço, completando seu pensamento, alertou: "Naveguemos de olhos abertos entre a realidade que não nos basta e a ficção a que queremos dar uma figura nova no mundo imprevisível que nos espera" (LOURENÇO, 1993, p. 4). Sintomático é o uso do verbo "naveguemos", uma vez serem recorrentes na literatura portuguesa e na história de nosso idioma as metáforas do *mar* e do *navegar*. Fernando Pessoa, reatualizando versos de antigos navegadores, associou o ato náutico ao de criar: "viver não é necessário; o que é necessário é criar" (PESSOA, 1965, p. 16).

Também a escritora brasileira Nélida Piñon atribuiu à nossa língua *uma vocação marítima* (PIÑON, 1978, p. 13), tendo em vista o fato de esta ter singrado o Atlântico, o Índico e aportado no Brasil e em África, onde adquiriu ritmos, odores, sensualidade e sabores novos. O escritor angolano Manuel Rui Monteiro foi outra voz a destacar essa "condição viajeira" de nosso idioma: "A língua portuguesa é uma língua de viagem. E eu escrevo viajando por ela a partir do porto onde ela chegou para me possuir" (MONTEIRO, 2003).

Sabemos que a língua portuguesa foi uma imposição dos colonizadores. Transformada e possuída pelos colonizados, adquiriu novas afetividades: "No chegar do outro não se falava esta língua aqui. A língua foi trazida. Daí a sua boa óbvia transgressão. O invadido sentiu a língua do outro como invasora. Mas transgredir é possuir a língua. Como mulher amada" (MONTEIRO, 2003).

No período das independências dos países africanos que foram dominados por Portugal, com o apogeu dos nacionalismos pós-Segunda Guerra, a noção de pátria se fortificou e as identidades lingüísticas foram pensadas como fatores de construção da nacionalidade a ser conquistada. No calor dos discursos, a utopia revolucionária forjou uma idéia de língua vinculada à de unidade nacional. O idioma português foi, então, entendido como agente aglutinador, responsável pela coesão cultural e política dos jovens países africanos tardiamente libertados.

Carlos Espírito Santo, poeta de São Tomé, posicionou-se, assim, em depoimento apresentado no “Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo”: “Usar a língua do antigo colonizador não quer dizer que o país seja uma recolônia, pois a língua portuguesa foi também uma conquista de nossa revolução” (SANTO, 1983, p. 256).

Em Cabo Verde, alguns poetas com obras anteriores ao período das lutas pela libertação foram fortemente influenciados pelo lusotropicalismo, de Gilberto Freyre, acreditando em uma harmonia racial e lingüística que, na verdade, era inexistente. Baltasar Lopes, por exemplo, poeta caboverdiano da Geração Claridade, fez um estudo sobre o crioulo de Cabo Verde e afirmou que este “amaciou as sílabas do português”. Tal visão camufla a “violência simbólica” que houve com a imposição do idioma trazido pelo colonizador; encobre a política de glotofagia exercida pelos dominadores.

Após as independências, atenuadas as fissuras da “descolonização”, um novo ciclo se abriu para as Literaturas Africanas. A língua portuguesa se impôs, mas não mais com os traços e os ritmos lusitanos com que partiu do Tejo. Expropriado, recriado, o discurso literário optou por um português africanizado que busca, ainda hoje, reinventar as estruturas orais da fala, assumindo as transgressões sintáticas e semânticas. Em Angola, por exemplo, diversos escritores e poetas buscaram captar um português *quimbundizado* dos *musseques*, dos *quimbos* e *sanzalas*. As línguas locais passaram a coexistir com o português e foram incorporadas, mesclando-se, muitas vezes, à língua portuguesa. Diversos textos literários incorporaram expressões de diferentes línguas africanas de Angola, entre elas: o quimbundo, o mbunda, o ovibundo e outras. Recriada, a escrita literária foi *kazukutada*, ou seja, foi “desordenada, agredida”, pois *kazukutar* é um termo quimbundo que significa “instalar a desordem”. Fecundado com o sêmen africano, o português literário assumiu-se, então, como um “discurso verbalmente mestiço”.

A diferença das línguas nacionais abala o edifício hegemônico da língua imposta pela dominação e de certo modo impede que se consolide o etnocentrismo ou se aceite sua fatalidade. A língua portuguesa, ao dobrar-se às necessidades de seus novos utentes, se faz ela própria um instrumento que se volta contra o processo de dominação, abrindo-se para o dialogismo cultural que passa a veicular. (PADILHA, 2002, p. 51)

Temos exemplos disso na prosa angolana, com escritores como Luandino Vieira, Manuel Rui, Boaventura Cardoso, António Jacinto, Uanhenga Xitu, entre outros, que mesclam o português e o quimbundo, recriando a língua portuguesa, segundo uma perspectiva e ritmo locais. Ao efetuar, assim, a subversão do instituído por meio da ludicidade da linguagem literária, essa

literatura afirma a diferença angolana, ou seja, apresenta traços característicos da cultura e dos falares de Angola.

Em Cabo Verde, ao lado do crioulo, houve também uma criouliização do idioma português imposto pela colonização portuguesa, o que acabou desenvolvendo uma situação de bilingüismo, hoje tão bem estudada por lingüistas cabo-verdianos, entre os quais Manuel da Veiga, atual Ministro da Cultura de Cabo Verde.

Foi o Movimento de Claridade que iniciou um processo intenso de caboverdianização da escritura literária em Cabo Verde. As mornas - canções típicas do Arquipélago, que traduziam em suas letras o dilema do povo das Ilhas, obrigado a partir, com vontade de regressar - foram, em textos mais modernos, recriadas e passaram a defender "o ficar para resistir". Alguns textos da literatura cabo-verdiana foram escritos em crioulo, como os poemas de Sérgio Frusoni, os de Kaoberdiano Dambará e o romance *Odju d'agu*, de Manuel da Veiga, entre outros, que tanto valorizaram e afirmaram as matrizes culturais crioulas das Ilhas.

Em Moçambique, o poeta José Craveirinha defendeu ser imperioso adotar uma posição clandestina para poder sublevar o tecido lingüístico. Muitos de seus poemas, entre os anos 1940 e 1950, buscaram afirmar as raízes africanas. Pela consciência da necessidade de contaminar a língua do colonizador, entre outros fatores, Craveirinha introjetou no português termos de línguas africanas. Com uma linguagem erótica, guerreira, vibrante, áspera, luxuriante, a poesia de Craveirinha, ainda hoje, estremece quem a lê. Sente-se em seus versos um *rumor*, um roçar nervoso de vocábulos, alguns escritos em xi-ronga, atritando-se, insubmissos, com a língua portuguesa. No conhecido poema "África", o eu-lírico confessa o desejo de macular o português, fecundando-o com expressões de línguas locais:

E ergo no equinócio de minha terra  
o rubi do mais belo canto xi-ronga  
e, na insólita brancura dos rins da  
madrugada, a carícia dos meus dedos  
selvagens é como a tácita harmonia  
de azagaias no cio das raças,  
belas como falos de ouro eretos no  
ventre nervoso da noite africana.  
(CRAVEIRINHA, 1980b, p. 17)

Incorporando ritmos africanos, "gritos de azagaias no cio das raças", o "tantã dos tambores" ressoando na pele do poema, o sujeito lírico chama miticamente a ancestralidade e impõe sua poesia como um canto erótico de rebeldia. Os versos citados anteriormente encontram-se no pórtico de *Xigubo*; abrem este livro, cujo título, em xi-ronga, significa "tambor" e "dança guerreira que prepara ou comemora as batalhas". Portanto, os poemas,

reunidos neste volume, sob a designação *Xigubo*, metaforizam a conclamação e a defesa das raízes africanas que foram silenciadas pela colonização.

Na poética de Craveirinha, a língua portuguesa, que o aparelho colonial desejaria imune a alterações, é sublevada; passa por um processo de moçambicanização, abrindo caminho para as gerações posteriores. Exemplo disso é o poema “Inclandestinidade”, de *Cela 1*, onde o eu-poético assume a contramão da língua e da História:

Cresci.  
Minhas raízes também  
cresceram  
e tornei-me um subversivo  
na genuína legalidade.  
Foi assim que eu  
subversivamente  
clandestinizei o governo  
ultramarino português.

*Foi assim!*  
(CRAVEIRINHA, 1980a, p. 85)

A voz lírica, com metáforas iradas e versos agressivos, transgride a norma e as regras impostas pelo domínio português. Não há ressentimentos contra a língua portuguesa; mas, contra o colonialismo. O idioma é renovado por neologismos que conjugam radicais em xi-ronga com prefixos do português e vice-versa. A subversão se faz tanto em nível ideológico-lingüístico, como estético-literário.

Enfraquecida a crença utópica que alimentou os nacionalismos e processos revolucionários motivadores das independências das ex-colônias portuguesas em África, a língua portuguesa não pode ser decantada, apenas, porque foi veículo de politização e permitiu a revolução. Deve ser pensada segundo outros parâmetros. Hoje, em plena época de crises, de desencantos, após a queda do Muro de Berlim, não cabe mais uma concepção monolítica do fenômeno lingüístico, nem do histórico. As línguas, nas sociedades contemporâneas de consumo, cruzam-se, babélicas, com discursos do simulacro produzidos pela comunicação virtual. Persistem, entretanto, transgressoras, aquelas que, clandestinizadas, se fazem ouvir através de vozes paródicas, irreverentes – como é o caso, em Cabo Verde, de Dina Salústio, Armênio Vieira, Germano Almeida, entre outros, que usaram do humor para efetuarem fortes críticas sociais –, ou através de cantos líricos que, a par da desesperança atual, ainda apostam no sonho e na própria poesia.

Exemplificamos esta última vertente com o livro *Preces & súplicas ou Os cânticos da desesperança*, de Vera Duarte, que adverte, principalmente, para a crescente e assustadora perda da humanidade nesta época neoliberal. Os poemas de Vera não tecem

loas ao sucesso, ao consumo, ícones do mercado que transforma as pessoas em mercadorias. Sua *poiesis* dá as costas a esse tipo de progresso, buscando exorcizar a barbárie por intermédio de intenso exercício de captação de lembranças e recônditos afetos advindos do outrora. É pela rememoração de fogos e ritmos do *San Jon*, que os ventos da memória e da imaginação transportam o sujeito poético aos tambores da Ilha de Santiago, fazendo-o relembrar tradições que se erigem, no poema, como estratégias de fuga e reação ao apocalipse de uma modernidade esfaceladora de identidades e histórias. Em consonância com o poeta Corsino Fortes, por exemplo, observamos que o eu-lírico de *Preces & súplicas ou Os cânticos da desesperança* procura ritmos identitários das ilhas na própria musicalidade poética. Opera, dessa forma, com uma poesia da sensibilidade, da luta pela igualdade e pelos direitos humanos. Recupera Eugénio de Andrade como poeta de grande trabalho com a densidade da linguagem; faz dialogar a metáfora da rosa de Eugénio com a da rosa mirabíllica da geração poética do pós-25 de abril em Cabo Verde, da qual fazem parte vários poetas, entre os quais José Luís Hopffer Almada:

Em África cresce uma rosa  
É a rosa mirabíllica  
Flor de poesia  
uma rosa entre cadáveres  
(DUARTE, 2005, p. 19)

Essa rosa representa, portanto, a crença na insurreição dos homens e das palavras, a resistência da literatura cabo-verdiana, pois “para lá da ilha, /só existe a poesia” (DUARTE, 2005, p. 62). “Sem a palavra/ A ilha não existe/ Sem a ilha/ Não existe o poema” (DUARTE, 2005, p. 64).

Existem ainda, na produção lírica pós-1980 dos países africanos de língua portuguesa, vertentes intimistas que buscam sentidos poéticos nas profundezas interiores de cada ser. Em Moçambique, por exemplo, podemos citar a poesia de Eduardo White que voa com a imaginação e procura ouvir *o rumor da língua*, que, para Barthes, constitui o frêmito poético, a capacidade da linguagem de expressar-se de modo inaugural.

Em Eduardo White, cada palavra, cada metáfora e cada imagem criam tremores de sentidos, que, amplificados, possibilitam à língua um sonoro e musical rumorejar, resultante do embate de suas encapeladas vagas de encontro às quilhas que vão sulcando as oceânicas trilhas percorridas através dos séculos: *um navio na língua, a língua e o navio...*

As línguas, tecidos por onde passam as diferenças, não podem mais ser concebidas somente segundo o paradigma da identidade ou, pelo menos, este conceito não pode mais ser explicado monoliticamente. É preciso entender, com Boaventura de Sousa Santos, que apenas existem *identidades em curso*;

o conceito *identidade* só pode ser compreendido na dialética da própria diversidade; portanto, os idiomas não podem mais ser considerados apenas como “vozes representativas da pátria e da nação”. A língua portuguesa, por exemplo, tendo atravessado o Atlântico, o Índico, chegou a diferentes terras, recebeu novos saberes, nova musicalidade, novos acentos; conquistou novos afetos, novas subjetividades; multiplicou-se, grávida, de outros espermatozoides, suor e saliva.

Cada vez mais se torna necessária uma reflexão crítica a respeito da questão das transformações sofridas pela língua portuguesa, pois muitos de seus laços, no decorrer dos séculos, se desfizeram e se refizeram em heterogêneas combinações. Sabemos quanto de diversidade esse idioma adquiriu, ao travar contato com outras línguas e culturas ao longo da história. Levado à África e ao Brasil como língua de colonização, o português deixou marcas profundas; contudo, também sofreu metamorfoses em decorrência das diferenças lingüísticas, culturais e sociais entre povos.

Tal consciência é clara em vários escritores contemporâneos, tanto do Brasil, como de África, que têm como matéria vertente o idioma português. Ana Paula Tavares, por exemplo, na crônica intitulada “Língua Materna”, demonstra grande lucidez a esse respeito:

[...] a língua mãe cresce conosco e ao mesmo tempo inaugura e aprende a distinguir os cheiros fortes da terra ou o sabor do pão de batata-doce, que como ela também leveda e tem que ser cuidado sob risco de passar do ponto e abater... Como as pessoas, a língua alarga-se à convivência com as outras, oferecendo-se mesmo ao acto de incorporar no seu próprio corpo outras sonoridades, outros empréstimos. (TAVARES, 1998, p. 13)

A autora chama atenção para as alterações e metamorfoses do português em convívio com as línguas angolanas e vice-versa, confessando a sedução exercida sobre ela pelas enriquecedoras trocas ocorridas no decorrer dos processos lingüísticos:

Sempre observei com gosto a alquimia generosa da língua portuguesa engrossando ao canto umbundo, sorrindo com o humor quimbundo ou incorporando as palavras de azedar o leite, próprias da língua nyaneka. O contrário também é válido e funciona para todo o universo das línguas bantu e não só faladas nos territórios, onde hoje se fala também a língua portuguesa. (TAVARES, 1998, p. 13)

Constatamos, desse modo, que muitos poetas e escritores africanos não só reinventaram a língua portuguesa, mas também refletiram sobre suas mutações, variações. Invertendo e subvertendo o estabelecido pelos paradigmas colonialistas, fizeram a revolução, utilizando os idiomas locais e o português como patrimônio coletivo. Na verdade, os laços lingüísticos do

português com as línguas africanas nativas não surgiram com esse processo, tendo em vista serem bem antigos, conforme advertiu Mia Couto:

E mesmo se nos quisermos abster à influência das línguas bantus nascidas depois do tempo das caravelas: há quanto tempo palavras como *minhoca*, *cambada* e *candonga* e tantas outras se instalaram na língua portuguesa? Pois eu vos digo, tomando apenas um exemplo: a palavra minhoca instalou-se no século XVI e hoje a maior parte dos portugueses nem sequer suspeita da sua origem longínqua. Meus amigos, a verdade é a seguinte: a lusofonia não começou hoje. A nossa língua comum foi construída por laços antigos, tão antigos que por vezes lhes perdemos o rastro. De uma vez por todas, superemos receios e fantasmas. De uma vez por todas, namoremos o futuro para que ele se enamore de nós. (COUTO, 2007)

Seguindo os conselhos de Mia Couto, ultrapassemos receios e fantasmas. O importante é que a língua portuguesa, enriquecida por tantas particularidades e diferenças, se mantenha, tanto no presente, quanto no futuro, como elo capaz de permitir um debate plural e um diálogo crítico entre as culturas dos diversos povos que são usuários desse idioma.

#### **Abstract**

*The Portuguese language and its importance to the literature of African countries, i.e., former Portuguese colonies. The identity ties with the "fatherland" decreased and the imposed language acquired different facets in Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Some links remained, albeit scattered, others dissolved with time. The Portuguese language, crossing the Atlantic, the Indic, arrived in different lands, receiving new knowledges, musicalities, accents; multiplied, pregnant, by Other sperms, sweat and 'sweat and blood'.*

**Keywords:** Portuguese language. African countries. Identity ties.

## Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Ed. 70, 1984.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERO, Jean Claude. *A reprodução: elementos por uma teoria do ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CONGRESSO SOBRE A SITUAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO. *Actas...* Lisboa: ICALP, 1983.
- COUTO, Mia. Desmontando e reconstruindo a ideia de lusofonia. 2007. Disponível em: <<http://amateriadotempo.blogspot.com/2007/07/desmontando-e-reconstruindo-ideia-de.html>>.
- \_\_\_\_\_. Mia Couto: escrita desarrumada. Entrevistadores: CHAVES, Rita; THOMAZ, Omar Ribeiro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 nov. 1998.
- CRAVEIRINHA, José. *Cela 1*. Lisboa: Ed. 70, 1980a.
- \_\_\_\_\_. *Xigubo*. Lisboa: Ed. 70, 1980b.
- CUNHA, Celso. *Língua, nação e alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- DUARTE, Vera. *Precis & súplicas ou Os cânticos da desesperança*. Praia: Instituto Piaget, 2005.
- LOURENÇO, Eduardo. Uma herança sem preço. *Jornal das Letras*, Lisboa, p. 4, 7 dez. 1993.
- MONTEIRO, Manuel Rui. Da fala à escrita. Texto apresentado nas Jornadas do Livro e da Leitura, Luanda, Ministério da Cultura, 25 abr. 2003.
- PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PESSOA, Fernando. Palavras de Pórtico. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- PIÑON, Néida. *A força do destino*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.
- TAVARES, Ana Paula. *O sangue da buganvília*. Praia: Embaixada de Portugal; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.